

BOLETIM DE PESQUISA NELIC

Vº 10 - Nº 15

2010.2

Artigos

Nota Marginal: "A Produção Poética dos Anos 70, no Brasil" Nos
Periódicos Culturais, Alternativos: *Opinião, O Acadêmico e*
Universitário

Regiane Regis Momm

*olho muito tempo o corpo de um poema
até perder de vista o que não seja corpo
e sentir separado dentre os dentes
um filete de sangue nas gengivas.*
Ana Cristina César

*A través de la frase
que es ritmo, que es imagen, el hombre-
ese perpetuo llegar a ser – es.
La poesia es entrar en el ser.*
Octávio Paz

*Poetry strips the veil of familiarity from
the world, and lays bare the naked and
sleeping beauty, which is the spirit of
it forms.*
Percy Bysshe Shelley

Revela-se inquietante. Surge e se apresenta mediante a convocação dos anseios dos desesperados. Vem pela contramão, escrita em meios por vezes menos nobres, por vezes menos glamorosos, mas com certeza nada pobres. Aparece ainda do aquém das idéias convencionais, em meio a críticas mudas, silenciadas. É, sobretudo, contundente e vem quebrar paradigmas, sendo não apenas instrumento para exploração do passado; é antes, o meio para que se consiga visualizar se apenas foi; ou se é, e caso continue sendo, o que a torna após tanto tempo, ainda atual, o que se exprime através dos restos casuais daqueles que, sem pretensão, deixaram para o sempre, algo que não é eterno, mas sim, imutável e extremamente assertivo: uma queixa, um grito, um manifesto feito em um arroubo de humanidade, em que o algoz do papel larga a dita espada de tinta, e se joga de corpo e alma em algo que nem sempre se traduz com facilidade. Aliás, o objetivo da produção, de cada poesia que circula na imprensa periódica dos anos 70, não é chegar a uma única resposta, mas mostrar que antes mesmo da mensagem ter de fato a linguagem, há algo que transcende com a imagem, que convida a recriá-la e, literalmente, a revivê-la. Isto é, a imagem poética não traz à tona apenas o reflexo das experiências vivificadas, ao estilo do

filósofo Georg Wilhelm Friedrich Hegel¹, que a vê como um labirinto de espelhos, ao regressar até Heráclito, mas vem iluminar, contudo, aquilo que não está aí, diante dos olhos - a vida mais obscura e remota. É justamente disso, que fala o crítico Octávio Paz², da tarefa de resgatar o não visível. Cada imagem, cada poema, para ele, não apenas representa, ou desvenda o real, mas, sobretudo, busca apreender a essência desse real. Vindo assim, desvelar um real mais pungente que a própria realidade. O que se pode perceber são visões, que apesar das dissonâncias que as separam, elas têm em comum a preservação da pluralidade de significados, mas, afinal, o que é, então, imagem poética? Qual pode ser o sentido da imagem nos versos, nas frases, espalhadas pelos tablóides dos anos 70?

Por imagem poética compreende-se um ir além das palavras, ou seja, até o limite com o intuito de dizer o que, por natureza, parece escapar da linguagem. É o invisível que está por detrás do visível, de forma iminente ou eminente, onde a lacuna que marca o seu lugar, não é senão um dos pontos de

¹ HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. 1770-1831. *Cursos de estética [Vorlesungen über die ästhetik]*. Tradução: Marco Aurélio Werle e Oliver Tolle. Consultoria: Victor Knoll. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000, v. 2, p. 135.

²PAZ, Octávio. *O arco e a lira*. Tradução: Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, pp.119-128.

acesso à vida.³ Uma vida de ambiguidades é que se apresenta na escrita dos tablóides dos anos 70, que não é distinta da realidade, tal como se dá no momento da percepção: contraditória, imediata, plural. Ali, o verso, a frase se compõe de sentido em diversos níveis quando evoca, ressuscita, desperta e revive a experiência do real. A partir daí, a imagem poética aparece como ferramenta, dispositivo de sua própria lógica de sentidos, fazendo surgir a proposta para este ensaio, cujo objetivo é investigar a produção poética brasileira em um universo essencialmente cultural, relativamente autônomo (o que significa dizer, é claro, relativamente dependente, em relação ao campo econômico). Um universo que movimenta de forma velada ou não idéias revolucionárias em oposição à ditadura, ao regime militar, à violação dos direitos humanos, ao modelo econômico e à censura. É, então, com essa postura política “de esquerda” que surgem, no campo literário e cultural os periódicos alternativos, ou nanicos (termo criado pelo escritor João Antônio), dos anos 70: *Universitário*⁴, *O Acadêmico*⁵ e

³ MERLEAU-PONTY, Maurice. *O visível e o invisível*. Tradução: José Arthur Gianotti e Armando Mora d’Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2009, pp. 10-11 (Debates / dirigida por J. Guinsburg).

⁴O jornal *Universitário*, criado em 1974, teve sua primeira edição publicada em maio daquele ano, pelo estudante de Letras Acary Amorim e, permaneceu até o momento em que Acary foi aconselhado a se exilar da cidade de Blumenau, por pressões políticas de representantes do regime

*Opinião*⁶, do qual faz parte um extenso contingente de homens e mulheres, intelectuais, na sua grande maioria, estudantes universitários. Todos entre (19 e 25 anos) em comum apenas a poesia.

Traços do eterno, no dizer poético

militar. Por isso, a sua última edição deu-se em junho de 1975, mas muitas edições (total de 12 edições), durante a permanência do jornal, perderam-se ou, quem sabe, foram censuradas. Um jornal, de periodicidade quinzenal, onde o homem aparece como o sujeito e a mulher como objeto da escrita. Sua poesia era constituída de diversos pseudônimos, conforme anuncia o seu precursor, Acary Amorim, em entrevista concedida ao PROGRAMA PESQUISA UNIVERSITÁRIA. *Literatura Estudantil dos Anos 70*. Blumenau: TVFURB, 5 de maio de 2001. Programa de TV. Tal confirmação é ainda abordada com maiores detalhes em LÊVEN, Ângela Maria; MARTINS, José Endoença e REGIS, Regiane. Masculinidade e literatura: o conhecimento literário produzido no jornal *Universitário*, pelos estudantes da FURB, na década de 70. In: I FÓRUM ANUAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA. *Anais...* Blumenau: FURB, 2002, v. p. 211.

⁵Na década de 70 “adere-se a poesia como sendo a única forma de protesto (...) assim momentos de produção literária se tornam conhecidos através do jornal *O Acadêmico*, criado em 1975 (...) onde (...) a análise de gênero ultrapassa a classificação de homem e mulher, é muito mais do que o feminino e masculino, é o contexto em que eles vivem.” LÊVEN, Ângela Maria; MARTINS, José Endoença e REGIS, Regiane. “Um poema, ou variações sobre o homem: a produção poética no jornal *O Acadêmico*, na década de 70.” In: IX SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. *Anais...* Ouro Preto: UFOP, 2001, p. 310.

⁶Esse jornal, que vai de 1972 até 1978, foi considerado um dos mais influentes jornais alternativos durante o regime militar e, conseqüentemente, um dos veículos mais perseguidos pelos censores da ditadura. Em termos de poesia, muito mais do que o texto poético, o que se tem, ali, são textos críticos sobre a atual poesia brasileira. Desse modo, enquanto uns escreviam poesia, outros discutiam sobre ela. CÉSAR, Ana Cristina. Nove bocas da nova musa. Jornal *Opinião*, Rio de Janeiro, 25 de junho de 1976, p. 27.

Um dos sentidos poéticos, da tradutora, poetisa e crítica Ana Cristina César⁷, é a de que “a poesia é um sentimento passado – futuro, não o presente do eu.” Isto é, uma escritura de vida que ultrapassa o tempo, é uma imagem entrecortada entre algo sempre ainda por vir, sempre já passado, sempre presente, formando o que o crítico Walter Benjamin⁸ denomina de constelação, “de uma configuração dialética de tempos heterogêneos.” Ainda, para Ana Cristina⁹, essa metamorfose do tempo, não é senão, um eterno recomeço, uma passagem para a utopia.

Esses momentos de vida
raros e preciosos – é preciso
permanecer, com eles traço
em direção ao eterno, posto
que são breves e intocáveis.
(...)
Vidas de
passado vivo,
longe, sem palavras

⁷ CÉSAR, Ana Cristina. *Antigos e soltos - poemas e prosas da pasta rosa*. Org. Viviane Bosi. Rio de Janeiro: IMS, 2008, p. 315.

⁸ BENJAMIN, Walter. “Paris, capital Del siglo XIX. El libro de las pasajes.” In *El punto de vista anacrónico. Revista de Occidente*. Coordinación: Luis Ma. Díez –Picazo. Assessoría Científica: José Manuel Sánchez Ron. Marzo, 1999, p. 28.

⁹ CÉSAR, Ana Cristina. *Antigos e soltos: poemas e prosas da pasta rosa*. Org. Viviane Bosi. Rio de Janeiro: IMS, 2008, p. 322.

nem criaturas¹⁰

Poder-se-ia, dizer, então, que a poesia brasileira, da década de 70, se torna refletora de uma imagem sempre ali, sempre ausente, como a beleza de que falou André Breton.¹¹ Em suas superfícies há toda uma série fugidia de “Eus”, que pouco a pouco se despojam de si, do passado e se arrastam cada vez mais longe, rompendo definitivamente o véu do silêncio entre os nossos dias e os anos 70. Esse arrastar do tempo, à maneira de Marcel Proust¹², é um seguir adiante, pois qualquer ponto de chegada não passa de uma estação temporária. Não é senão uma espécie de movimento de ressurreição do passado reprimido e soterrado, capaz de fazer emergir dos escombros à vida sem limitações, passível, antes de tudo, de respostas às seguintes indagações: Que universo crítico literário brasileiro se reconstitui, em torno da produção poética que circulava nos periódicos culturais, alternativos – *Universitário* (1974-1975), *O Acadêmico* (1974-1982) e *Opinião* (1972-1978)? O que sobrevive da palavra (ou da sua ausência)

¹⁰ CÉSAR, Ana Cristina. *Antigos e soltos: poemas e prosas da pasta rosa*, p. 322.

¹¹ BRETON, André. *Nadja*. Rio de Janeiro: IMAGO, 1999, p. 152.

¹² PROUST, Marcel. *O tempo redescoberto*. 15. Ed. Trad. Lúcia Miguel Pereira. São Paulo: Globo, 2004, pp. 125-126.

e da imagem, nas vozes dos defuntos, que circulavam nesses jornais em plena ditadura militar?

Num universo que ao mesmo tempo é conservador e libertário, revolucionário e tradicional, é que se encontram os periódicos supracitados dos anos 70. Em suas edições alternando em meio a ditos e as metáforas, se esconde um processo de preservação, cujas construções discursivas não simbolizam apenas a sua conservação, mas sim, a vida na sua imanência. Isto põe em marcha a máquina amnésica: o desejo de memória, não daquilo que resta, não daquilo que sobra, mas, de algo que ainda está vivo, algo que anula a divisão entre o presente e o passado. Para o crítico e historiador Aby Warburg¹³ esse rompimento da linha do tempo não impede que haja mudança naquilo que é transmitido, pois cada época conduz o material amnésico de acordo com as suas exigências. Assim, ao se lançar sobre o conteúdo real (mesmo de forma fragmentada) de uma existência que se vive e se prova nos polêmicos alternativos dos anos 70, no Brasil: *Universitário, O Acadêmico e Opinião*, obter-se-a uma imagem de todo um modelo ético político, que com as suas formas e estratégias, vem construir através do discurso literário (especialmente no que se refere à

¹³ WARBURG, Aby, 2001. (GS VII) *Gesammelte Schriften VII. Tagebuch der Kulturwissenschaftlichen Bibliothek Warburg* (ed. Karen Michels und Charlotte Schoell-Glass), Berlim, Akademie Verlag, p. 261.

produção poética), um lugar de hegemonia, mas também de contra-hegemonia, de disputa pelo controle do discurso, do poder. Na crítica literária, por exemplo, “Poetas e Poesia Brasileira Hoje”, de Ana Cristina, publicada no *Opinião*, em 25 de junho de 1976, o discurso poético é antes produto de uma cultura de massa, de uma cultura popular, que de uma alta literatura.

“Há, no presente, o momento, em vários pontos do país um sintomático surto de poesia. (...) que conquistou a juventude universitária e ganhou espaço no quadro cultural. (...) uma poesia que desce agora da torre do prestígio literário e aparece com uma atuação, que restabelecendo o elo entre poesia e vida, estabelece o nexos entre poesia e público. Através dela escutamos bem próximas do ouvido, as vozes a um tempo familiares e anônimas, interesseiras ou ressentidas, quase sempre abafadas.”¹⁴

¹⁴ “Poeta importante de sua geração. Ana Cristina fez crítica avulsa, participando do debate cultural que rolava por aqui nos anos 70 (...)” comenta Armando Freitas Filho no prefácio a *Escritos no Rio*, uma recolha dos textos críticos da autora. CESAR, Ana C. Poetas e poesia brasileira hoje. *Opinião*, Rio de Janeiro, 25 de junho, 1986. Tendências e cultura, pp. 25-26.

Não há dúvida, que o dizer poético provoca um afloramento inegável de todas as emoções, em decorrência da insatisfação, dos sentimentos contidos, do medo e da raiva. Como uma espécie de desabafo, de denúncia, de protesto, a poética é o retrato falado do sistema vigente, é uma necessidade da juventude. Uma juventude que faz parte de um espaço ultra-sensível politicamente: a universidade. Um espaço de permutações, de pontos de cruzamentos, privilegiando assim um conjunto multiforme de intelectuais (não de professores), de estudantes – homens e mulheres – politizados (política e socialmente) são, agora, considerados intelectuais. Um intelectual dito “de esquerda” que toma a palavra e vê reconhecido o seu direito de falar enquanto dono de um sentimento de verdade e de justiça.¹⁵ A poesia “Lavagem Cerebral”, por exemplo, escrita pelo estudante, Celso Vicenzi, publicada no jornal *O Acadêmico*, de janeiro e fevereiro (dois meses em uma só edição) de 1978, relata em seus versos uma marcha que segue em defesa da democracia, em solidariedade às lutas operárias, em favor dos Direitos Humanos, contra a ditadura.

O pensamento despiu-se
como uma prostituta,
maquinalmente, cansado...
Enojado pelos orgasmos comprados
pelos filhos abandonados...
Pelas fezes acumuladas
Na consciência das autoridades
que dissecam o povo
ainda vivo.
Pela tortura dor que arraza
todas as leis
filosofias
e direitos do homem.
Pela verdade que cala de medo. (Grifo meu)¹⁶

Se não por respeito, com certeza por medo, a produção poética insurgente e desafiadora é alvo de perseguição, de repressão. Para o pensador Michel Foucault¹⁷, “a repressão é uma espécie de loucura viva, volúvel e ansiosa que a mecânica do poder tem conseguido reprimir e reduzir ao silêncio.” Pode ser ainda uma lei que diz não. Uma força da proibição que não pesa apenas de forma negativa, mas que de fato produz algo,

¹⁵ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Org. Roberto Machado. 3.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1982, pp.8-9.

¹⁶ Na poética do jornal cultural *O Acadêmico* é visível uma permissividade ortográfica, que denota a intenção de afrontar, inclusive nos detalhes, o sistema vigente. VIZENCI, Celso. *Lavagem Cerebral*. *O Acadêmico*, janeiro e fevereiro, 1978. Caderno especial, p. 9.

¹⁷ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Org. Roberto Machado. 3.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p. 8.

induz ao saber e constrói discurso. Ela aparece numa linguagem forjada ao calor do enfrentamento entre vítimas e algozes do autoritarismo policial-militar, na década de 70, no Brasil. É, portanto, por trás de uma difusão de suplementos de jornal é que está a repressão, em veículos mistos entre o colunismo e a revista literária, os quais neste momento, cumpriram importante papel na disseminação cultural do país.¹⁸ No *Universitário*, por exemplo, há uma poesia avulsa, datilografada e representada por desenhos feitos à mão – em um caderno menor, ela é depositada no interior das edições do jornal – tem-se, aí, uma espécie de poesia de invenção sujeita a críticas freqüentes sobre ou em relação à linguagem, ao sentido que se encerra no dizer poético. O que fica patente na capa de abertura do suplemento literário, publicado em novembro de 1974, sem assinatura nenhuma, que segue discorrendo sobre a importância de se fazer poesia.

Para escrever uma poesia é preciso antes de mais nada começar. Óbvio? Sem dúvida – e não é difícil.

Diante de uma folha de papel o desejo de quem escreve algo são capazes de fixar a letra

inaugural, mas podem também, vitimados por um medo paralizante, adiar agoniadamente o medo de ver conhecido o seu trabalho.

Com esse Suplemento Literário – queremos incentivar o potencial criativo e a capacidade poética de cada um.

Nesse caderno publicaremos somente trabalhos de estudantes, **sem alteração**, sem censura, pois será uma obra livre aberta a todos.¹⁹ (Grifo meu)

O que emerge, portanto, nos jornais dos anos 70: *Universitário*, *O Acadêmico* e *Opinião* é uma nova marca de política cultural, a uma só vez amplamente disseminada, instantaneamente acessível e socialmente fechada. Sim, por que somente as pessoas que formam a opinião pública é que têm acesso a eles, são escritores, jornalistas, universidades, academias e instituições culturais. Ou seja, meios aonde o discurso poético vem adquirir certa notoriedade. Aqui, é o público que legitima o processo de reconhecimento da produção cultural, poética. Uma influência cultural que afeta a política, através da formação de um discurso público nacional, de cunho ideológico.

¹⁸ SÜSSEKIND, Flora. "Sobre a crítica". In *Papéis colados – ensaios*. RJ: Editora da UFRJ, 1993, pp. 27-28.

¹⁹ A permissividade ortográfica se mostra recorrente no jornal *Universitário*. Suplemento literário. *Universitário*, novembro, 1974. Capa de abertura, p. 2.

Marcas de uma política-ideológica-cultural

Para o cientista político Antonio Gramsci²⁰, o elemento fundamental de um periódico é o ideológico, que reside em satisfazer ou não determinadas necessidades intelectuais, políticas. De acordo com esse pensador italiano são as ideologias que “organizam as massas humanas, formam o terreno sobre o qual os homens se movimentam, adquirem consciência de sua posição, lutam.” Já os filósofos Karl Marx e Friedrich Engels²¹ afirmam que a ideologia é uma falsa consciência, que se dá justamente diante da tentativa dos homens de explicar a realidade, levando em conta as formas de conhecimento ilusório. É exatamente isso, que leva ao mascaramento dos conflitos sociais e, portanto, gera a inversão ou a camuflagem da realidade.

E se em toda a ideologia os homens e as suas relações nos surgem invertidos, tal como acontece numa câmara obscura isto é apenas o resultado do seu processo de

²⁰GRAMSCI, Antônio. *Os intelectuais e a organização da cultura* [*Gli intellettuali e l'organizzazione della cultura*]. Trad.: Carlos Nelson Coutinho. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 179.

²¹ MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. [*Die deutsche ideologie*]. Trad.: Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 6-9.

vida histórico, do mesmo modo que a imagem invertida dos objetos que se forma na retina é uma consequência do seu processo de vida diretamente físico.²²

Na imprensa alternativa, dos anos 70, a ideologia influencia, decisivamente, nos jogos do poder do discurso presentes nas centenas de frases, nos inúmeros versos poéticos, que aparecem carregados de idéias sobre a sociedade, o mundo e as relações sociais entre indivíduos. São relações que passam a existir de forma velada ou explícita, são versões do real, que tem como pano de fundo uma imagem recriada daquilo que se tenta expressar da realidade. No *Universitário*, por exemplo, o que se tem é uma ambigüidade ideológica de cunho político-estudantil. *O Acadêmico*, entretanto, é um jornal essencialmente cultural, adepto, sobretudo, da liberdade de expressão: “O jornal *O Acadêmico* foi criado em junho de 1975 e era uma dissidência do *Universitário* (fundado em 1974). Pretendíamos fazer um jornal cultural em oposição ao outro que era estudantil e ao mesmo tempo político.”²³ No

²² Idem p. 9.

²³ Entrevista com Oldemar Olsen Jr.– precursor do jornal *O Acadêmico* – concedida a José Endoença Martins na revista. *Releituras*. Blumenau, março 1994, p. 6. (material encontrado no acervo da Biblioteca Martinho Cardoso da Veiga – FURB, Blumenau).

Opinião a ideologia, enquanto fenômeno social opera representando a realidade de forma crítica, “não como manifestação de imprensa alternativa no sentido de algo precário e radical, mas, ao contrário, como uma proposta de jornalismo moderno e sério.” Trata-se, aqui, de um jornalismo analítico e interpretativo, mais do que opinativo, refletindo uma visão marxista como influência do modo de pensar dos intelectuais que colaboram com o jornal.²⁴

Pode-se afirmar, então, que mesmo diante das divergências ideológicas, o *Opinião*, *O Acadêmico* e o *Universitário* se enxergam como complementares, são verdadeiros coadjuvantes de uma mesma frente de resistência. Não são vistos como competidores, ao contrário, cada um é como um campo de batalha, operando com base nas relações de força manifestadas em um espaço de significação. Atitudes, níveis de discurso, práticas, grupos de poder, reverberação de imagens informam, ali, o campo ideológico de uma dada cultura e, para compreendê-lo, Pierre Bourdieu conduz à simbolização, a uma investigação que lança luz sobre o campo cultural, literário, revisitando os periódicos culturais brasileiros, da década de 70, como bens simbólicos. Bourdieu, assim, declara:

²⁴ KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. 2ª. ed.. São Paulo: EDUSP, 2003, pp. 82-84.

O desenvolvimento do sistema de produção de bens simbólicos (em particular do jornalismo, área de atração para os intelectuais marginais que não encontram lugar na política ou nas profissões liberais), é paralelo a um processo de diferenciação cujo princípio reside na diversidade dos públicos aos quais as diferentes categorias de produtores destinam seus produtos, e cujas condições de possibilidades na própria natureza de bens simbólicos. Estes constituem realidades de dupla face – mercadorias e significações – cujo valor propriamente cultural e cujo valor mercantil subsistem relativamente independentes (...)²⁵

Nesse sentido, aparece diretamente revelada, na imprensa alternativa, dos “anos de chumbo”, a injeção de valor e de sentido simbólico. Não apenas um valor “interior” simbólico cultural como se apresenta no campo ideológico, mas um valor “exterior” de base econômica. “Uma economia às avessas, fundada em sua lógica específica, em parte destinada ao

²⁵ BOURDIEU, Pierre. *Economia das trocas simbólicas*. [introdução, organização e seleção de Sergio Miceli]. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 102.

mercado e, em parte como reação contra este.”²⁶ Isso acaba definindo, assim, o tempo de vida, de circulação de um periódico. No *Universitário*, por exemplo, as dificuldades econômicas aparecem devido a uma postura agressiva perante o sistema vigente, e um ano depois, ele tem suas edições encerradas. O *Acadêmico*, no entanto, consegue suplantar os percalços econômicos, a estratocracia que se aboletara no poder, o bi-partidarismo (Arena e MDB) ao abrir espaço prioritariamente ao campo literário, especialmente, à poesia. É o que vem confirmar o poeta e estudante Oldemar Olsen Jr., participante ativo da produção e divulgação cultural nesses dois periódicos, dos anos 70.

A ambigüidade ideológica do *Universitário* não nos satisfazia como criadores. Vivíamos sob forte ditadura, [...] os empresários não investiam para não criarem um vínculo com aqueles que faziam a crítica ao status quo. [...] E somente com o que ganhávamos da venda

das edições Cr\$20,00 não conseguíamos seguir adiante com novas tiragens.²⁷

No *Opinião* a crise do capital econômico está intimamente ligada ao sistema repressivo. Um sistema que vem pressionar de forma sigilosa, silenciosa, a imprensa alternativa, com ameaças, investigações, interrogatórios entorno das informações consideradas oposicionistas explicitamente – desde suas variantes reivindicatórias, lutas salariais e pressões em favor da democracia até as formas de oposição velada presente nas poesias. Para tanto, o que se pretende, nesse jornal, é justamente mostrar um trabalho de impacto, no sentido de revelar a consciência nacional, trazer clareza em uma realidade obscura ainda mantida em segredo nos porões da repressão política. Sendo assim, diante dessa postura o financiamento advindo do empresário do setor têxtil (América Fabril), Fernando Gasparian²⁸ deixa de existir, talvez por medo de perseguições, talvez por alguma ameaça. O que vem

²⁶ BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.162.

²⁷ Entrevista com Oldemar Olsen Jr. na revista - *Releituras*. Blumenau, março 1994, p. 6. (material encontrado no acervo da Biblioteca Martinho Cardoso da Veiga – FURB, Blumenau).

²⁸ KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. 2ª. ed.. São Paulo: EDUSP, 2003, p. 82.

certamente culminar para o fechamento do jornal *Opinião*. E quem nos aclara sobre esse momento de melancolia e pura lamentação é Ana Cristina.

Num papel nostálgico: o *Opinião* fechou. O Gasparian demitiu todo mundo no culminar de uma crise. A princípio ele dava liberdade aos editores, mas ninguém tinha carteira assinada. No momento que ele começou a pressionar as editorias e exercer censura interna (especialmente contra ataques a figuras “de esquerda” – Callado, Houaiss, Werneck, etc) (e assuntos considerados “irrelevantes” como: sexo), o pessoal chiou e chegou-se a um impasse com todo mundo exigindo carteira assinada e direitos trabalhistas (“Já que você quer se impor como PATRÃO, trate-nos então como um patrão”). Conclusão: demissão coletiva e fechamento do jornal (sob desculpa de censura).²⁹

²⁹ Trecho da carta de Ana (é como ela assina o rodapé da carta) para sua amiga Cecília, em 26 de março (sábado) de 1977. Nessa carta constam exemplos de repressão, de perseguição explícita como a que se dá com o jornal: *Opinião*. CESAR, Ana Cristina. *Correspondência incompleta*. Org.: Armando Freitas Filho e Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999, p, 144.

A partir daí, um grupo de intelectuais – com meios precários assume o caderno cultural, literário do jornal *Opinião* - entre eles está Ana Cristina – “Vamos fazer um jornal”, ela diz: “prossequindo (e abrindo) a seção de cultura do *Opinião*. Quem quiser fica, quem não quiser tire o seu dinheiro e vá transar com outra.”³⁰ Com esse ultimato, Ana conclama e incita um compromisso racional de todos os que tem interesse na produção cultural. Ela pede que assumam seu lugar e seus dizeres e, ao mesmo tempo contextualiza essa entrega de todos como uma escolha, só que esta, segundo sua concepção, uma escolha acertada, pois deriva do sentimento contrário a da situação vivida por todos ali. Para Ana, escrever, antes de tudo, é uma paixão, e depois uma escolha, que, segundo ela, quem acredita se dedica de corpo e alma ou, então, desiste e se vende por qualquer dinheiro. Isentos dessa verbosidade idealista dita por Ana, em outra parte do Brasil, inexplicavelmente escritores tão anônimos quanto ela, mas com certeza muito menos conhecidos, encaravam sua “missão” a frente dos jornais *Universitário* e *O Acadêmico* com o mesmo afinco, que foi proposto por Ana Cristina na seção cultural do *Opinião*. O que se percebe, inclusive, nesses jornais é uma economia

³⁰ CESAR, Ana Cristina. *Correspondência incompleta*. Org.: Armando Freitas Filho e Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999, p, 154.

antieconômica ao estilo de Pierre Bourdieu³¹, que se baseia no reconhecimento indispensável dos valores de desinteresse (do comercial) e do lucro (a curto prazo), cujo interesse é, acima de tudo, o de privilegiar a produção literária, poética, dos anos 70, como uma história autônoma, de um capital econômico essencialmente simbólico. Um capital simbólico que vem potencializar vem, de certo modo, imortalizar aquilo que ainda permanece vivo na imprensa alternativa.

Assim sendo, estes três jornais culturais: *Opinião*, *O Acadêmico* e *Universitário*, nos fazem pensar os vários registros da cultura, da literatura brasileira especialmente, da poesia, dos anos 70. Uma poesia que aparece como símbolo, como traço de sobrevivência, que ao ser investigada e redescoberta se abre ao futuro.

Presença da imagem, na ausência das palavras

O que sobrevive dos dizeres poéticos dos anos 70, especialmente, nos periódicos supracitados vai, com certeza, além da dicotomia entre – a vida e a morte - , entre a lembrança e o esquecimento. Vai em direção não apenas da presença, mas da ausência de palavras, que lhe conferem um despertar de

³¹ BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.162.

sentidos. Um leque de possibilidades de leitura, que reputadas pelo inexprimível, se expressam e se comunicam na imagem poética. Uma imagem, de acordo com Octávio Paz, que “é um recurso desesperado contra o silêncio.”³² E quem contribui para que a imagem confira sentido para dizer o que foge à natureza das palavras (ou da falta delas), nos tablóides dos anos 70?

É nos dizeres do poeta, ou de um *quase* poeta, (termo mencionado por Wally Salomão) que se compõe um tecido de literatura e vida, em que os fios de uma e outra são praticamente indiscerníveis. São fios que percorrem linhas tortas, por vezes, sujas, mas, sobretudo, que não deixam de evidenciar a vitalidade, a exuberância, de uma arte que se revitaliza, que avança em direção a um intenso diálogo de significação, de existência. Um diálogo que faz dos excluídos os protagonistas, que desloca a periferia para o centro, trazendo à tona uma imagem da realidade que se quer ocultar. Uma imagem circunspeta de uma escrita com impressões marginais, independentes, alternativas – que percorrem as páginas dos periódicos literários: *Opinião*, *O Acadêmico* e *Universitário* - uma “imprensa alternativa, teoricamente autônoma em relação à

³² PAZ, Octávio. *O arco e a lira*. Tradução: Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p. 107.

grande imprensa e contestadora em relação ao sistema.”³³ O que se encontra, ali, nesses jornais, é a representação da poesia brasileira, contemporânea, dos anos 70. Uma poesia que retrata toda a paisagem cultural e, de certa forma, intelectual de uma época. Ela se torna, sem dúvida, uma expressão genuína da visão e experiência de quem viveu aqueles anos de chumbo. Para dizer, exatamente, aquilo que não se diz e aumentar assim os campos prováveis do dizer. Não é senão, essa poesia - uma fusão de acontecimentos, toda uma desordem de vanguarda. Assim, é como Armando Freitas Filho³⁴ define a produção poética dos anos 70, no Brasil:

Encontramos [...] na poesia brasileira dos anos 70 uma verdadeira salada mista [...] um *meeting* das mais díspares tendências. Não há, em suas produções, nenhuma preocupação de coerência estilística... não existe a noção de continuidade organizada; o conceito cronológico não importa nem preocupa; cada poema é a obra, no seu único e sempre outro momento.³⁵

³³ MATTOSO, Glauco. *O que é poesia marginal*. [caricaturas: Emílio Damiani]. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 8.

³⁴ FREITAS FILHO, Armando. "Poesia vírgula viva". In *Anos 70 – literatura*, p. 90.

³⁵ *Idem*, p. 90.

No *Opinião*, por exemplo, a imagem da poesia transita por entre críticas e trechos de poetas, sob a voz de Ana Cristina – expressiva crítica de literatura dos anos 70 - ela mesma significativa poeta - busca difundir a condição da produção poética contemporânea, a qual ela denomina de nova poesia. No seu ensaio intitulado "Nove Bocas da Nova Musa", publicado no jornal *Opinião* em 25 de junho de 1976, Ana procura refletir sobre a poesia dos anos 70, mais especificamente, ela faz uma análise detalhada, ou seja, um retrato da atual poesia. Assim, Ana diz:

A nova poesia aparece aqui marcada pelo cotidiano, ali por brechtiano rigor. Anticabralina, porém, não hesita em introduzir no poema a paixão, a falta de jeito, a gafe, o descabelo, os arroubos, a mediocridade, as comezinhas perdas e vitórias, os detalhes sem importância, o embaraço, o prato do dia, a indignação política, a depressão sem elegância, sem contudo atenuar a sua penetração crítica. Tudo pode ser matéria de poesia. Sem as obrigações iconoclastas do modernismo, a poesia pode dizer tudo e, revela inquietação

frente a essa abertura, que se choca com as imposições do momento.³⁶

E é justamente em torno dessa idéia de que tudo é poesia, que se compõem os versos poéticos no jornal de cultura *O Acadêmico*. Advindos, muitas vezes, da ausência de outras formas de protesto, uma poesia surge, nesse jornal, de forma agraciada, como sendo, uma das únicas maneiras de retratar a indignação velada. Como se pode perceber na poesia "Ecos", da estudante Maria Odete O. Olsen, publicada no jornal *O Acadêmico*, em março de 1978, que se utiliza de metáforas, criando assim uma imagem do seu descontentamento em relação à represália da política vigente.

Ventos neuróticos
gerados no inconformismo
do átomo desagregado
romperam os gineceus túrgidos
(fecundados)

e espalharam-se gritos e lamentos
entre odores fétidos dos embriões apodrecidos

³⁶ Esse trecho escrito por Ana Cristina César não é um simples comentário, mas uma análise, e por que não dizer, uma avaliação da poesia dos anos 70. CESAR, Ana C. Nove Bocas da Nova Musa. *Opinião*, Rio de Janeiro, 25 de junho, 1986, p. 27.

e granadas caíram
(elas)
em gemidos homicidas
por mãos nervosas
(suicidas)
dos organismos desequilibrados
(estarecidos)
e espalharam-se em retalhos
consciências autônomas
as irmãs mecânicas
agora frangalhos amorfos
(destruídas)³⁷

Para tanto, é nessa atmosfera pesada e de inexistente democracia que a poesia se revela inquietante, distante de qualquer estética literária em particular. Aqui, a contestação aparece de maneira consciente assumida por um grupo de resistência, um grupo de jovens universitários, que tem a necessidade de mostrar suas angústias. Isto se aplica também ao jornal *Universitário*, que apesar do seu pouco tempo de circulação – aproximadamente um ano e meio – reverbera a luz de uma imagem crítica sobre a imposição ditatorial, da década de 70, manifesta, especialmente, na castração da liberdade, no poder de determinar as leis que procuram manipular o indivíduo.

³⁷ Essa poesia faz parte da capa do Caderno Especial de Poesia, do jornal *O Acadêmico*. OLSEN, Maria Odete O.. *Ecos. O Acadêmico*, Blumenau, março de 1978, p. 9.

É precisamente isso, o que diz a poesia: Poema Tipo Fichário de Informação, do estudante Lindolf Bell, publicada no jornal *Universitário*, em julho de 1974, onde, ali, ele deixa transparecer a imagem da insatisfação social vigente.

[...] Não queiram que eu chegue a um ponto determinado
(detesto pontos mesmo os mais longínquos),
Não me ensinem códigos,
Não me ponham sininhos no pescoço,
Eu quero ter a certeza de ser livre.³⁸

Deste modo, o que se pode dizer da produção poética dos anos 70, é que ela se equilibra de forma paradoxal entre as possibilidades de se colocar no papel a escrita desejada, verdadeira e a impossibilidade de que esta, por sua vez, seja uma escrita essencial, necessária, visto que a verdade real e vivida no período ditatorial é por demasiado perigosa. Portanto, essa verdade que, muitas vezes, se esconde na ausência das palavras, fica por conta da presença da imagem, pois somente com a imagem a distância entre a palavra e o que realmente se

precisava dizer desaparece – e reaparece transfigurada naquilo que realmente é. Sendo, então, instituída por um lamento, um grito, um manifesto é que a poesia brasileira (res)surge, é assim, que ela deixa a sua marca, nos periódicos literários, culturais dos anos 70: *Universitário*, *O Acadêmico e Opinião*.

Referências

- BENJAMIN, Walter. "Paris, capital Del siglo XIX. El libro de las pasajes." In *El punto de vista anacrónico. Revista de Occidente*. Coordinación: Luis Ma. Díez –Picazo. Assessoría Científica: José Manuel Sánchez Ron. Marzo, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. *Economia das trocas simbólicas*. [introdução, organização e seleção de Sergio Miceli]. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BRETON, André. *Nadja*. Rio de Janeiro: IMAGO, 1999.
- CÉSAR, Ana Cristina. *Antigos e soltos - poemas e prosas da pasta rosa*. Org. Viviane Bosi. Rio de Janeiro: IMS, 2008.

³⁸ O trecho da poesia de Lindolf Bell aparece na terceira edição do jornal *Universitário*. BELL, Lindolf. Poema Tipo Fichário de Informação. *Universitário*, Blumenau, julho, de 1974, p. 6.

_____. *Correspondência incompleta*. Org.: Armando Freitas Filho e Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999.

_____. Poetas e poesia brasileira hoje. *Opinião*, Rio de Janeiro, 25 de junho, 1986.

_____. Nove bocas da nova musa. *Jornal Opinião*, Rio de Janeiro, 25 de junho de 1976.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Org. Roberto Machado. 3.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

FREITAS FILHO, Armando. "Poesia vírgula viva". In *Anos 70: Literatura*. Rio de Janeiro: Europa, 1979.

GRAMSCI, Antônio. *Os intelectuais e a organização da cultura [Gli intellettuali e l'organizzazione della cultura]*. Trad.: Carlos Nelson Coutinho. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. 1770-1831. *Cursos de estética [Vorlesungen über die ästhetik]*. Tradução: Marco Aurélio Werle e Oliver Tolle. Consultoria: Victor Knoll. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. 2ª. ed.. São Paulo: EDUSP, 2003.

LÊVEN, Ângela Maria; MARTINS, José Endoença e REGIS, Regiane. *Masculinidade e literatura: o conhecimento literário*

produzido no jornal Universitário, pelos estudantes da FURB, na década de 70. In: I FÓRUM ANUAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA. *Anais...* Blumenau: FURB, 2002.

LÊVEN, Ângela Maria; MARTINS, José Endoença e REGIS, Regiane. "Um poema, ou variações sobre o homem: a produção poética no jornal *O Acadêmico*, na década de 70." In: IX SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. *Anais...* Ouro Preto: UFOP, 2001.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã. [Die deutche ideologie]*. Trad.: Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MATTOSO, Glauco. *O que é poesia marginal*. [caricaturas: Emílio Damiani]. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O visível e o invisível*. Tradução: José Arthur Gianotti e Armando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2009.

O ACADEMICO. Blumenau, Jun. 1975-1982.

OPINIÃO. Rio de Janeiro, 1972-1978.

PAZ, Octávio. *O arco e a lira*. Tradução: Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PROUST, Marcel. *O tempo redescoberto*. 15. Ed. Trad. Lúcia Miguel Pereira. São Paulo: Globo, 2004.

SÜSSEKIND, Flora. "Sobre a crítica". In *Papéis colados – ensaios*. RJ: Editora da UFRJ, 1993.

UNIVERSITÁRIO, Blumenau, jun. 1974-1975.

WARBURG, Aby, 2001. (GS VII) *Gesammelte Schriften VII. Tagebuch der Kulturwissenschaftlichen Bibliothek Warburg* (ed. Karen Michels und Charlotte Schoell-Glass), Berlim, Akademie Verlag.